IV enanparq

Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo

Porto Alegre, 25 a 29 de Julho de 2016

Objeto e Interior -
alternativas à desmaterialização do espaço arquitetônico.

SESSÃO TEMÁTICA: VIDA INTERIOR

Brunno de Melo Meirelles Douat

Universidade Federal do Paraná

brunnodouat@gmail.com

Objeto e Interior -
alternativas à desmaterialização do espaço arquitetônico.

RESUMO

Esse artigo visa contribuir com reflexões acerca do fenômeno de desmaterialização do espaço arquitetônico interior, e suas posteriores consequências na percepção da existência do ser humano no espaço interior que habita. Busca-se através dessas reflexões alternativas que forneçam ao indivíduo a possibilidade de se evitar e reverter tal condição. A projeção cada vez mais permanente de nossa existência em um espaço não físico, o *cyberespaço*, levanta o questionamento de como a arquitetura se relaciona com o ser humano nessa nova forma de existência onde não estamos necessariamente vinculados a um corpo físico e tampouco a um posicionamento geográfico específico. Nas últimas décadas o ser humano tem sido apresentado a uma nova concepção de tempo, uma vez que as conexões realizadas no mundo digital mostram-se mais rápidas e efêmeras do que qualquer manifestação ou intervenção do homem no espaço físico. Essa distorção na noção de espaço-tempo termina por comprometer diretamente a capacidade do indivíduo de gerar uma auto-consciência através do espaço que constitui seu refúgio. Imaginar uma arquitetura interior no século XXI significa responder criticamente a essa condição na qual a existência e permanência do indivíduo no espaço é condicionada de maneira mais intensa pelo espaço objetificado, e seus hábitos impostos, do que pela própria manifestação existencial do ser humano. Através da análise da relação entre a obra do grupo avant-garde italiano SUPERSTUDIO e do trabalho recente do arquiteto Sou Fujimoto com a ideologia de ascetismo — e seus consequentes “processos de redução” — busca-se possíveis alternativas para reimaginar a condição da arquitetura do espaço interior contemporâneo de maneira a reconciliar o espaço interno com o ser humano que ali habita.

Palavras-chave: Desmaterialização da Arquitetura. Objetificação do Espaço. Ascetismo.

Object and Interior -
alternatives to the dematerialization of the architectonic space

ABSTRACT

This article is intended to contribute with reflections about the phenomena of dematerialization of the architectonic interior space, and its further consequences on the perception of the human being own existence on the interior space which he/she dwelleth. Through this reflexions, is sought alternatives that could offer the human being the possibility of avoiding such condition. The increasingly permanente projection of our own existence in a non-physical space, the *cyberspace*, rises the debate of how architecture relates with the human being in this new form of existence in which we are not necessarily attached to a physical body or a specific geographic position. During the last decades, the human being have been presented with a new conception of *time*, once the connections performed in the digital world have proved to be faster and more ephemeral than any other intervention of the human being in the real, physical space. This distortion of the space-time notion ends up by directly compromising man’s ability of developing a self-consciousnessself-consciousness through the space that constitutes he/she’s refugee. To imagine an interior architecture on the XXI century means to respond, in a critical way, to this condition in which the existence and permanence of one individual in the space is conditioned in a much stronger way by the objectified space, and its imposed habits, than by man’s own manifestation of self-existence. By analysing the relation between the work of the Italian avant-garde group SUPERSTUDIO and the recent work of architect Sou Fujimoto with the ideology of asceticism — and its idea of a “reduction process” — its sought possible alternatives to rethink the condition of the contemporary architecture of the interior space in a way to reconcile the human-being and the dwelling space.

Keywords: Dematerialization of Architecture. Objectification of the Space. Asceticism.

1. ESPAÇO E AUTOCONHECIMENTO

A projeção cada vez mais permanente de nossa existência em um espaço não físico, o *cyberespaço*, levanta o questionamento de como a arquitetura se relaciona com o ser humano nessa nova forma de existência onde não estamos necessariamente vinculados a um corpo físico e tampouco a um posicionamento geográfico específico. Nas últimas décadas o ser humano tem sido apresentado à uma nova concepção de *tempo*, uma vez que as conexões realizadas no mundo digital mostram-se mais rápidas e efêmeras do que qualquer manifestação ou intervenção do homem no espaço físico.[1] A geração que se desenvolveu na virada do milênio é uma geração cuja existência é baseada na ideia de tentativa e erro — uma vez que ideias são criadas, desenvolvidas, criticadas e destruídas na velocidade instantânea do digital. Os benefícios do desenvolvimento das tecnologias da comunicação, conexão e informação desenvolvidas no fim do século XX são inegáveis e já fazem parte do senso comum, sendo impossível não admitir as mutações que tais tecnologias proporcionaram à sociedade nos mais variados âmbitos sociais, culturais e econômicos. Entretanto, é no momento em que analisamos a relação entre o desenvolvimento dessa nova espacialidade virtual e o ato fundamental da existência do ser humano que observamos aspectos críticos principalmente no que diz respeito à capacidade do indivíduo de se expressar existencialmente na materialidade arquitetônica que habita.

A origem dessa relação conturbada pode ser encontrada no fenômeno de esgotamento das distâncias de tempo criadas pelo mundo virtual. Tempo esse que é de fundamental importância para a criação da consciência do auto-conhecimento existencial do ser humano, uma vez que — como bem descreveu o psicólogo alemão Marc Wittman — "*Presença significa se tornar consciente de um ser físico e pscicológico que é temporalmente extendido. Possuir auto-consciência é se reconhecer como algo que persiste ao longo do tempo e possui um corpo físico*."[2] Em um mundo movido por essa nova dinâmica virtual onde a maior parte das relações possui a superficialidade característica desse fenômeno de tentativa e erro, adicionada à potencialidade de se externalizar inúmeras existências e personalidades em um universo de relações paralelo, se torna cada vez mais inconsistente permanecer vinculado a uma única existência por longos períodos de tempo, o que por sua vez prejudica diretamente a capacidade do ser humano contempoâneo de desenvolver adequadamente essa auto-consciência à qual Wittman se refere. O objetivo da presente análise é contribuir para o debate a respeito das diferentes maneiras que esse fenômeno afeta e é afetado pelo espaço arquitetônico — especialmente o interior — bem como buscar maneiras e alternativas de se reverter, ou oferecer a possibilidade de se evitar, esse

---

[1] Essa nova noção de *tempo* utilizada aqui é baseada na obra de Paul Vírilio, e exposta em seu livro "Espaço Crítico", 1993, 10. Vírilio afirma que através da utilização de tecnologias midiáticas temos observado a criação de um "*falso-dia eletrônico,* cujo calendário é composto apenas por "comutações" de informações sem qualquer relação com o tempo real."

[2] Marc Wittman, "Felt Time: The Psychology of How We Perceive Time" 2016, 104.

fenômeno de desmaterialização da arquitetura do espaço interior fruto da externalização virtual do ser humano. Além dos embasamentos teóricos nas áreas da arquitetura e filosofia, serão analisados estudos de caso nos quais é possível observar uma preocupação singular por parte dos arquitetos no que diz respeito à relação entre o "ato de existir" do ser humano e a sua externalização na forma de espaço arquitetônico.

2 - O INTERIOR DESMATERIALIZADO

O filósofo Paul Virílio em seu livro "Espaço Crítico" afirma, ao definir a ideia de *interface*, que "*toda representação é uma redução (de escala, de proporções, conteúdo, natureza…), mas aqui* [na interface criada pela tela] *a redução é recusada, a recepção coletiva simultânea é a de um olho ubiquitário capaz de ver tudo ao mesmo tempo…*"[3]. A face da tela, para Virílio, torna-se o novo local, contribuindo para o fenômeno de substituição do espaço físico pelo o virtual. Sendo a tela o novo local, sua representação — a dimensão criada pela interface — constitui o novo espaço. Ao interpretar a obra de Virílio, é possível definir espaço como toda e qualquer dimensão virtual ou real no qual se faz possível a externalização do ato fundamental de existir do ser humano. Cada espaço, seja o residencial, público, isolado, compartilhado, real ou virtual, interfere diretamente na maneira com a qual a existência do indivíduo se manifesta e se relaciona com o meio. Uma vez sendo o espaço virtual um espaço no qual tudo pode ser visto ao mesmo tempo, nele também é possível existir e se projetar em tudo ao mesmo tempo.

Como foi mostrado, Witmann argumenta que a distorção da noção de tempo interfere diretamente na capacidade de autoconhecimento do ser humano. É importante ressaltar, entretanto, que a projeção do ato de existir do indivíduo no espaço virtual não é vista pela presente análise como um fator negativo *per se.* O fator negativo seria, na verdade, as consequências de tais projeções virtuais no espaço interior, em decorrência de seu caráter efêmero e da distorção da noção temporal[4] causada pelo espaço virtual. O fenômeno da conectividade e do *cyberespaço* é de fato importante para as relações interpessoais no meio urbano exterior.

A manifestação de tal fenômeno no espaço construído estaria fadada a um eterno conflito uma vez que, para Virílio, tanto a Arquitetura quanto as tecnologias da informação e comunicação podem ser consideradas unidades de tempo e espaço.[5] Conflito esse que é potencializado no momento em que o indivíduo divide e fragmenta sua manifestação existencial entre o espaço físico e o virtual. Tal evento resulta em consequências ainda mais

---

[3] Paul Virílio, "Espaço Crítico" 1993. 55

[4] ibid, 10

[5] ibid, 16

perceptíveis quando associado à tendência do indivíduo contemporâneo de desenvolver o hábito da conectividade-compulsiva. A ideia de conectividade-compulsiva pode ser definida como a projeção sistemática do indivíduo no espaço virtual, de maneira que na maior parte do tempo a sua existência está projetada e multiplicada de uma forma permanente e constante em uma série de existências emuladas digitalmente.

Alguns autores argumentam que tais tecnologias ligadas ao transporte de comunicação, não resultam na substituição da cidade real por uma nova virtual.[6] Uma vez que a tecnologia da comunicação proporciona o desvinculamento da existência do ser humano a um ponto geográfico e a um corpo físico específico, as fronteiras físicas que constituem os espaços isolados e compartilhados urbanos são automaticamente comprometidas. As paredes da habitação, como separadoras do interior e do exterior, são desconstruídas. Uma vez estando todos conectados, seria possível definir na contemporaneidade o que seria de fato espaço interior e exterior? A cidade é formada pelo contraste entre espaço privado e público, isolado e compartilhado [7]. A desmaterialização das barreiras que conformam e incentivam tais contrastes de espaço-tempo (interior vs exterior) podem não proporcionar a criação de uma nova cidade virtual, mas definitivamente alteram o caráter e a experiência urbana da real. Vírilio afirma, "a Cidade desaparece na heterogeneidade do regime de temporalidade das tecnologias avançadas".[8]

3 - HOMELAND E VOYAGE

Em seu texto "Dwelling and the 'Places' of Modernity", Francesco dal Co apresenta aspectos decisivos para a compreensão da ideia de morada e sua relação com a cidade[9]. Dal Co baseia-se no pensamento do escritor alemão Hermann Hesse: *homeland* e *voyage* — duas fundamentais extensões da experiência metropolitana. A ideia de *homeland* é apresentada como a experiência essencialmente vinculada a uma ideia nostálgica de refúgio, abrigo e morada. A morada opondo-se ao mundo exterior, negando-o e constituindo-se em um interior isolado em constante contraste com o exterior. Por outro lado, a experiência ligada à ideia de *voyage* seria a de um abandono drástico desse refúgio, uma experiência externa que constitui em uma constante busca por um destino. Entretanto, tal destino não seria desprovido de um ponto de chegada. Este, inclusive, muitas vezes é representado pela ideia de um abrigo, não necessariamento manifestado por uma morada

---

[6] Ver Françoi Ascher. "Os novos princípios do Urbanismo". 2003. 65

[7] Ver Pier Vittorio Aureli. "The Possibility of an Absolute Architecture". 2012

[8] Paul Virílio, "Espaço Crítico" 1993. 55

[9] Francesco Dal Co "Dwelling and the 'Places' of Modernity." Em *"Figures of Architecture and Thought"*, 14-66. 1990.

física, mas sim por um refúgio interior, o auto-conhecimento, um lugar onde — segundo o próprio escritor — "*eu busco e desejo um abrigo dentro de mim mesmo — um espaço ou ponto no qual apenas meu ego existe, onde o mundo não alcança, onde o meu 'eu' sozinho reside*".[10] As ideias de *homeland* e *voyage* passam a relacionar-se, portanto, de uma maneira dialética na qual em meio aos contrastes entre a busca por um abrigo e o abandono do mesmo, se constrói a ideia de um constante retorno. Dal Co afirma que o espaço arquitetônico se relaciona com essa dialética de maneira a criar uma reconciliação constante, e talvez permanente, entre o desejo por um abrigo e a necessidade do seu abandono.[11] À arquitetura do espaço interior caberia, portanto, organizar e articular os contrastes entre a dialética das experiências de *homeland* e de *voyage*, — representadas no presente estudo pelas ideias de interior isolado e exterior conectado.

Uma vez que as barreiras físicas responsáveis por realizar o contraste dialético entre o espaço interior e exterior são constantemente desmaterializadas pelo fenômeno já apresentado da conectividade compulsiva, o espaço arquitetônico passa a ter seu papel de organizador do espaço urbano comprometido. *Homeland* e *voyage* passam a se sobrepor e coexistir no mesmo espaço-tempo. A principal consequência dessa nova condição é um novo achatamento das dimensões de tempo e de espaço, comprometendo a capacidade do indivíduo contemporâneo de utilizar o espaço interior e se isolar do exterior.

O contraste entre interior isolado e exterior conectado é essencial para que o habitante da cidade contemporânea tenha a possibilidade de se isolar completamente por um período de tempo e externalizar sua existência no espaço que habita. Pensar a arquitetura do espaço interior residencial no século XXI é responder criticamente à essa condição e propôr maneiras com que o indivíduo possa se reconectar com o espaço que habita, de maneira a potencializar a sua capacidade de auto-conhecimento. De que forma portanto deve o espaço interior se conformar de modo a satisfazer tal condição?

---

[10] ibid, 22

[11] ibid

4 - ASCETICISMO E O PROBLEMA DO OBJETO

Pier Vittorio Aureli propõe no livro “Less is Enough”, uma nova maneira de se projetar a relação entre o indivíduo e o espaço residencial através da ideia de ascetismo. Aureli busca através do pensamento ascético uma alternativa à concepção espacial contemporânea baseada na sociedade do consumo que advém do pensamento capitalista. Ascetismo é definido como “*um modo de vida no qual o ‘eu’ é o objeto principal da atividade humana*”[12] ; uma vida que possui como principal objetivo a busca pelo auto-conhecimento, ou ainda, o reconhecimento do entendimento da vida em si como o foco principal da prática do próprio individuo: *ars vivendi*.[13] Em uma representação espacial, a ideia de ascetismo passa a ser empregada como uma arquitetura que busca disciplinar o seu habitante ao longo de sua existência diária ao mesmo tempo que proporciona uma experiência na qual o indivíduo possa viver de acordo com seu próprio ritmo, o que Aureli denomina de ‘*idiorrhythmy*’ (idios = particular e rhytmos = ritmo, regra)[14]. Uma vez o conceito de ascetismo sendo compreendido como uma forma de um questionamento à imposição de um ritmo de vida exterior ao ser humano — como por exemplo o tempo criado pelas tecnologias da informação — a arquitetura ascética se opõe diretamente à arquitetura submetida ao espaço virtual. Se na externalização do indivíduo no *cyberespaço* há a fragmentação da existência e a distorção da relação tempo-espaço, no ambiente ascético temos a retomada do foco no indivíduo em sua própria existência no tempo e no espaço real. Na arquitetura baseada na ideia de ascetismo temos o indivíduo manifestando-se como centro do espaço, vivendo de acordo com seu próprio ritmo, que possui como principal objetivo o alcance de um autoconhecimento através do espaço o qual habita. Tal conexão se daria através da criação de hábitos ou regras condicionados pelo próprio espaço e que, apesar de parecerem restritivas e disciplinadoras de uma maneira negativa à primeira vista, seriam propostas de maneira a representar de maneira mais harmoniosa a maneira de viver de seu habitante. Portanto, ao invés da regra ser aplicada de maneira a substituir a própria vida, ela é criada de maneira a se adequar da melhor maneira possível ao *ars vivendi* de seu indivíduo, potencializando assim a capacidade de autoconhecimento deste.[15] Entretanto, em grande parte das moradias contempoâneas observa-se a aplicação da ideia de hábito, aqui entendido como um organizador da vida no espaço interior residencial, de maneira oposta à apresentada por Aureli. Isso se dá uma vez que enquanto no pensamento ascético o hábito é condicionado pelo *ars vivendi* do indivíduo em si, na sociedade do consumo temos a

---

[12] Pier Vittorio Aureli. “Less is Enough.” 2013. 15.

[13] Ibid

[14] Ibid, 20

[15] Ibid, 24

criação de hábitos condicionados a uma objetificação do espaço interior. No texto "Experiência e Pobreza" publicado originalmente em 1933, Walter Benjamin descreve um aspecto crucial das residencias burguesas da época e que podemos considerar como extremamente relevante no contexto atual das moradias contemporâneas. Benjamin escreve:

> *[…] Se entrarmos num quarto burguês dos anos oitenta, apesar de todo o "aconchego" que ele irradia, talvez a impressão mais forte que ele produz se exprima na frase: " Não tens nada a fazer aqui". Não temos nada a fazer ali porque não há nesse espaço um único ponto em que seu habitante não tivesse deixado seus vestígios. Esses vestígios sãos os bibêlos sobre as prateleiras, as franjas ao pé das poltronas, as cortinas transparentes atrás das janelas, o guarda-fogo diante da lareira. […] Nele, o "interior" obriga o habitante a adquirir o máximo possível de hábitos, que se ajustam melhor a esse interior que a ele próprio.[…]*[16]
> (Walter Benjamin,1985, 114.)

O pensamento apresentado por Benjamin expõe umas das principais consequências da cultura do consumismo no espaço arquitetônico interior: ao invés de usar os objetos — em especial os relacionados à tecnologia da informação e comunicação — o ser humano termina por ser usado e ter sua existência regrada por eles. Essa condição faz com que mesmo manifestando sua existência no espaço real físico, o habitante do espaço interior tem o estímulo de gerar um autoconhecimento através do espaço que habita comprometido, uma vez que o ritmo gerado pelo espaço é condicionado não mais à sua própria existência e vida, mas sim a regras impostas pelos objetos que o permeiam. A manifestação do ser humano se encontra aqui, escondida por detrás da objetificação do espaço interior.

O pensamento ascético aplicado à arquitetura representa portanto uma alternativa à desmaterialização do interior arquitetônico uma vez que busca reconciliar a manifestação existencial do indivíduo com o espaço que constitui seu refúgio. Para a criação desses hábitos, a materialização desse reconciliamente na forma de ações e disciplina, se faz necessário um grau de isolamento do espaço interior de sua contraparte exterior de maneira que o autoconhecimento e a projeção de uma única existência do indivíduo não seja comprometida por projeções de conexões externas. Atitude essa oposta à proporcionada pelas tecnologias da comunicação que, como foi argumentado anteriormente, desmaterializam as fronteiras que criam o contraste entre essas duas instâncias espaciais (exterior e interior). Entretanto, a criação desses hábitos é comprometida no momento em que a objetificação do espaço interior se mostra como uma barreira entre o habitante e o

[16] Walter Benjamin. "Experiência e Pobreza" , em Walter Benjamin: Obras Escolhidas - Magia e Técnica, Arte e Política. 1985, 144

espaço, uma vez que são os objetos que conformam o interior que regram tais ritos, e não mais o indivíduo.

De maneira a reverter tal condição imposta pela objetificação do espaço arquitetônico, à aplicação do pensamento ascético na arquitetura estaria associado naturalmente um processo de redução de tal objetificação do espaço interior. É na trajetório do grupo *avant-garde* italiano SUPERSTUDIO que encontramos o que pode ser considerado como uma das maiores exemplificações, através de projetos de caráter utópico, desse processo de redução da objetificação do espaço de maneira a expôr a existência do ser humano como um *ato arquitetônico fundamental.*

5 - O PROCESSO DE REDUÇÃO DO OBJETO

Descrito por seus criadores durante a Trigon Biennial em Graz (1969) como uma "*Utopia Moderada para um futuro imediato"*[17], o projeto Monumento Contínuo (Figuras 1 e 2) de autoria do grupo SUPERSTUDIO ia além de apenas uma visão de um futuro imediato — de uma sociedade à vista. O projeto do grupo Florentino era um reflexo crítico sociológico, cultural e arquitetônico da realidade da década de 1960, um momento de importantes revoluções culturais exemplificadas pelos eventos de 1968 na França.[18] Tais eventos trouxeram à luz o debate sobre o papel da cultura no âmbito econômico e político de uma sociedade cada vez mais tecnológica e capitalista. Como apontado por Peter Lang, esse ambiente tecnológico e capitalista estava presente nas cidades Italianas, que se tornaram mais conectadas, urbanizadas e "*adaptadas a esse novo estilo de vida orientado ao consumismo*". Ao mesmo tempo, a expansão economica tardia na Itália proporcionou ao país um crescimento massivo de estudantes, potencializando o senso de uma "*uma cultura de massa estudantil*"[19]. Essa atmosfera criou um ambiente propício para o aparecimento de grupos de jovens arquitetos — ex. Archizoom, Superstudio, UFO e 9999 — que seriam considerados posteriormente como pertencentes à corrente da *Architettura Radicale*.[20]

---

[17] Marie Stauffer. Reflections, Reflected Utopias : Urban Designs by Archizoom and Superstudio. AA Files, No.47. 2002. 25.

[18] William Menking. ' The Revolt of the Object.' em Lang e Menking, eds. Superstudio : Life Without Objects. 31-51. 61.

[19] Peter Lang. ' Suicidal Desires.' em Lang and Menking, eds. *Superstudio : Life Without Objects. 31-51.* 2003. *32.*

[20] Marie Stauffer. Reflections, Reflected Utopias : Urban Designs by Archizoom and Superstudio. AA Files, No.47. 2002. 34.

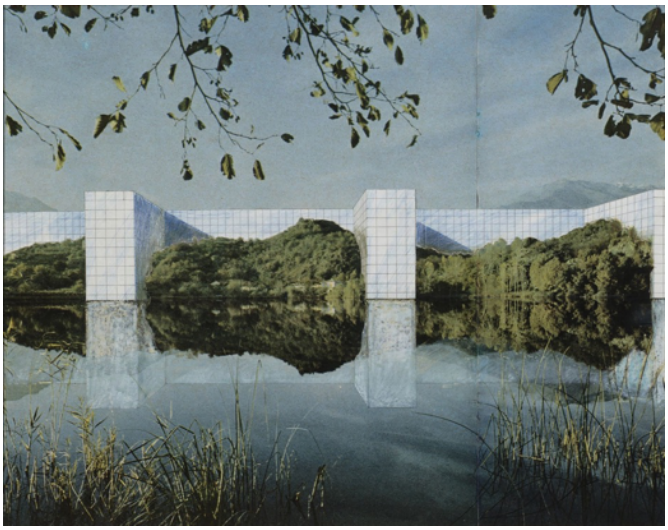

Figura 1 e 2 - SUPERSTUDIO: Monumento Contínuo.
Superstudio : Life Without Objects: Peter Lang e William Menking, eds. 2000, 138 - 140.

É então, baseado em uma análise crítica do caráter ascendente consumista e tecnológico da sociedade à época, que o grupo SUPERSTUDIO — formado então por Adolfo Natalini, Cristiano Toraldo di Francia, Roberto Magris, Alessandro Magris e Piero Frassinelli — propôs em 1972, como parte da exposição *Italy: The New Domestic Landscape* de curadoria de Emilio Ambasz no MoMA em Nova York, um modo alternativo para a vida na Terra intitulado *Microevent/Microenvironment*. De maneira oposta ao tradicional conceito de utopia como uma antecipação ou uma visão provocativa do futuro, SUPERSTUDIO evoca a ideia de uma utopia negativa, uma vez que suas provocações — carregadas muitas vezes de extrema ironia e sarcasmo — dizem respeito a uma visão crítica sobre a relação entre passado e presente.[21] *Microevent/Microenvironment* pode ser considerado como o ápice do processo de redução da arquitetura iniciado pelo grupo com o projeto *Monumento Contínuo* em 1969. À respeito desse processo o grupo afirma:

> *[…] Enquanto a forma derivada da mercadoria continua em direção à sua realização absoluta, nós reduzimos as operações ao mínimo. Reduzir as operações ao mínimo, em todas as áreas, é parte de um processo geral de 'redução'. Apenas através de um processo de redução poderiam todos os campos serem desobstruídos de falsos problemas e necessidades induzidas* [hábitos criados por e para objetos ao invés de por e para o indivíduo]. *Através da redução, nós prosseguimos em direção a um estado mental de concentração e conhecimento, a condição essencial para uma verdadeira experiência humana. […]*[22] (SUPERSTUDIO, 1972, 245)

---

[21] *Superstudio : the Middelburg Lectures /* editado por Valentijn Byvanck. De Vleeshal : Zeeuws Museum, 2005 , 25

[22] SUPERSTUDIO 'Description of the Microevent/Microenvironment.' em Ambasz,Emilio eds. *Italy : The New Domestic Landscape 1972. 245*

Ao analisar a descrição do projeto Microevent/Microenvironment (Figuras 3 e 4) em si fica clara a relação entre o pensamento dos arquitetos com o ideal de uma arquitetura ascética, uma vez que a análise crítica do ser humano à respeito de sua própria existência é colocada aqui como centro do processo de design. O grupo afirma:

> *"Nessa exposição, apresentamos um modelo para uma atitude mental […] uma renderização de uma atitude crítica em direção (ou um desejo pela) à atividade de design, entendida como uma especulação filosófica, como o meio de gerar conhecimento, como uma existência crítica."* [23] (SUPERSTUDIO, 1972, 242)

O projeto consiste de uma redução completa da objetificação do espaço arquitetônico de modo que a arquitetura passe a ser concebida através de um único ato [24], representado como um único plano reflexivo no qual o ser humano projetaria completamente sua própria existência através de relações inter e intra-pessoais. Isso ocorre uma vez que a redução *quia absurdum* da objetificação do espaço desmaterializa qualquer possível barreira entre o indivíduo e a criação de hábitos que guiem seu "ato fundamental de existir" no espaço. Não observamos mais a existência de espaços, como *cyberespaço*— fragmentando a existência do indivíduo em diferentes dimensões de tempo-espaço — e tampouco a distribuição de objetos que controlem a existência do indivíduo em seu refúgio. A respeito da eliminação do espaço objetificado, o grupo escreve:

> *"Por destruição dos objetos, nós nos referimos à destruição de seus atributos como 'status' e suas conotações impostas por aqueles no poder, de maneira que nós passemos a viver <u>com</u> objetos (reduzidos à condição de elementos neutros e distribuídos) e não <u>para</u> objetos."*[25] (SUPERSTUDIO, 1972, 245)

Design é concebido pelo grupo de maneira a coincidir cada vez mais com a própria existência do ser humano, "não mais a existência sob a proteção de objetos de design, mas a própria existência como design."[26] Na série de trabalhos intitulada "*Vita, Educazione, Cerimonia, Amore Morte - Cinque Storie Del Superstudio*" , originalmente publicada de maneira segmentada no periódico Casabella e iniciada a partir da exposição no MoMA em

---

[23] Ibid. 242

[24] SUPERSTUDIO em *Mindscapes DQ89* . Volume 89 da revista *Design Quarterly* . Walker Art Center, 1973. 38

[25] SUPERSTUDIO 'Description of the Microevent/Microenvironment.' em Ambasz,Emilio eds. *Italy : The New Domestic Landscape p. 245*

[26] SUPERSTUDIO 'Description of the Microevent/Microenvironment.' em Ambasz,Emilio eds. *Italy : The New Domestic Landscape p. 245*

1972, o grupo dá sequência ao debate crítico sobre a relação entre a arquitetura objetificada e o indivíduo. No texto "*Gli Atti Fondamentali"*, que dá início à série de trabalhos, o grupo afirma:

> *"Os grandes temas, os temas fundamentais de nossas vidas, não são mais tratados pela arquitetura. A arquitetura permanece à margem, e intervém apenas até um certo ponto do processo, normalmente quando todo o comportamento* [hábito] *já está codificado* [pelo objeto]*, apenas fornecendo respostas à problemas rigidamente apresentados."*[27] (SUPERSTUDIO, 1972, 16)

Figura 3 e 4 - Microevent/Microenvironment.
SUPERSTUDIO: "Description of the Microevent/Microenvironment."
em *Italy : The New Domestic Landscape* : Emilio Ambasz eds. 1972, 247-250.

Seria necessária então, a retomada da relação entre a arquitetura e os "temas fundamentais de nossas vidas" — nossa própria existência — através da utilização da própria consciência e auto conhecimento do ser humano como centro do pensamento espacial arquitetônico. De maneira a executar tal retomada, sugere-se a hipótese de uma vida na qual a mente e o corpo formam um único utensílio de formação espacial. Busca-se assim o "*redescobrimento do espaço interno e os mecanismos de despertar*" e a vida interior como "*método de autoformação através da integração e harmonia da personalidade humana (yoga, psicosintesi…)*"[28].

O grupo utiliza-se, portanto, de pensamentos ligados à ideia de ascetismo de maneira a responder criticamente à tal condição. A objetificação do espaço arquitetônico, como apresentado anteriormente, termina por prejudicar a criação de hábitos como forma do ser humano de externalizar sua existência no espaço físico real que habita, uma vez que tais

---

[27] SUPERSTUDIO 'Vita educazione cerimonia amore morte. Cinque storie del Superstudio, 1' em ***Casabella*** n.367 Julho 1972. *16*

[28] Ibid

hábitos seriam mais condicionados pelos objetos que constituem o interior do que ao próprio habitante de tal espaço. O processo de redução apresentado pelo grupo serviria portanto como uma alternativa, elevada por eles ao extremo através de projetos utópicos, de posicionar o ser humano à frente dos objetos, deixando-o livre para se relacionar com o espaço interior de maneira a desenvolver hábitos , esses gerados a partir do indivíduo e não do meio material, que em um momento seguinte favoreceriam o desenvolvimento de um auto conhecimento por parte do habitante do espaço. Entretanto, como a arquitetura deve responder a essa condição em termos práticos e reais? Temos nos trabalhos realizados pelo grupo SUPERSTUDIO uma resposta levada ao extremo a partir de suas utopias negativas, entretanto é no trabalho recente do arquiteto Sou Fujimoto que podemos observar as ideias aqui apresentadas materializadas em uma forma arquitetônica física e real.

6 - A ARQUITETURA PRIMORDIAL

Em seu livro *Primitive Future*, o arquiteto japonês Sou Fujimoto propõe repensar a arquitetura do futuro através da reflexão da arquitetura primitiva. Se nas ideias apresentadas pelo SUPERSTUDIO observamos a criação da arquitetura "desobjetificada" através de um único ato, na obra de Fujimoto tal ato seria encontrado na reflexão sobre a origem primordial do pensamento arquitetônico.[29] O arquiteto divide tal origem em "dez gêneses arquitetônicas", cada qual constituindo um ponto de partida distinto para o desenvolvimento de infinitas manifestações de arquitetura. É, no entanto, na primeira dessas gêneses, "Ninho ou Caverna" que podemos observar a manifestação mais clara da ideia do processo de redução do objeto iniciada pelo SUPERSTUDIO. A respeito da distinção entre a ideia de ninho e caverna, Fujimoto afirma:

> *[…] Como um arquétipo funcionalista, o ninho é preparado de acordo com seus habitantes. […] Le Corbusier, que proclamou a 'Máquina para Viver,' idealizava um ninho. Rastreando mais para as origens, eu imagino a arquitetura como uma caverna imediatamente antes de se tornar um ninho. A caverna não é organizada em nome do funcionalismo, mas em uma ideia de place-making que encoraja e estimula o indivíduo a procurar por um espectro de oportunidades.* […][30] (Sou Fujimoto, 2008, 24.)

Dessa forma, a ideia de caverna apresentada por Fujimoto se relaciona diretamente com o pensamento ascético, apresentado por Aureli, como forma de reconciliar a formação do espaço arquitetônico interior com a projeção da existência do ser humano. Fujimoto apresenta a caverna como uma espécie de *homeland* que através de seus atributos

---

[29] Sou Fujimoto ' Primitive Future' 2008. 21

[30] Sou Fujimoto ' Primitive Future' 2008. 24

interiores e qualidades espaciais, estimula que o próprio habitante do espaço leia e interprete o meio físico de maneira a criar seus próprios hábitos. Mais do que apenas uma flexibilidade formal, o arquétipo da caverna apresentado por Sou Fujimoto possibilita uma flexibilidade de externalizações existenciais específicas do indivíduo que está inserido nesse espaço. Tal flexibilidade se dá uma vez que o interior objetificado não é apenas desmaterializado, mas sim diluído na estrutura formal do próprio corpo arquitetônico.

No projeto que serve de modelo para a ideia de caverna idealizada por Fujimoto, intitulado "*Casa do Futuro Primitivo*" (Figura 5), a residência é formada por planos de 35cm de espessura que conformam uma topografia e se relacionam entre si de diversas maneiras. Essa topografia, de acordo com Fujimoto, não se diferencia da paisagem, e é simultaneamente mobiliário e arquitetura.[31] Objeto e espaço são agora um só, e a utilização do espaço arquitetônico como guia de ritos e hábitos se dá de maneira plena. Assim como na série de trabalhos "*Vita , Educazione, Cerimonia, Amore Morte - Cinque Storie Del Superstudio*" o grupo italiano buscou uma arquitetura onde mente e corpo formariam um único utensílio de experiência espacial, na "*Casa do Futuro Primitivo*" corpo e mente se unem para uma constante experiência de descobrimento do espaço habitável.

Figura 5 - Casa do Futuro Primitivo. Primitive Future: Sou Fujimoto, 2008,23.

Podemos observar também o conceito de *caverna* materializado no projeto "*Casa definitiva de madeira"* (Figura 6 e 7), realizado entre os anos de 2005 e 2008. Nesse projeto, Fujimoto cria um refúgio construído a partir de blocos de cedro com perfil quadrado de 35 cm — dimensão essa que transcenderia apenas uma qualidade material da madeira, receberia

[31] Sou Fujimoto ' Primitive Future' 2008. 25

uma nova “existência” diretamente relacionada às dimensões do corpo humano.[32] Através da multiplicação sequencial desse único elemento, Fujimoto busca uma arquitetura cuja manifestação material entra em profunda harmonia com o habitante, uma vez que os módulos únicos multiplicados extimulam uma relação profunda entre o corpo do indivíduo e o espaço. À respeito dessa relação, Fujimoto afirma:

> “ *[…] Um local que inicialmente foi imaginado como chão, se transforma em uma cadeira, tetos, paredes de acordo com diferentes perspectivas. Pavimentos são relativos, e o indivíduo reinterpreta essa espacialidade de acordo com sua localização. As pessoas são distribuídas tridimensionalmente no espaço e experimentam novas sensações de profundidade. Espaços não são divididos, mas produzidos como oportunidades decorrentes de elementos em fusão. Os habitantes descobrem várias funções no interior dessas ondulações. […]”* [33] (Sou Fujimoto, 2009, 60.)

Isso é, uma vez o indivíduo se utilizando do espaço como plano de fundo de maneira a criar sua própria experiência espacial, a arquitetura passa a fornecer ao seu usuário a possibilidade dele desenvolver seu próprio *idiorrhythmy*. No trabalho de Fujimoto, o corpo humano não apenas está inserido no espaço, mas é constantemente usado para a sua criação e constante reinterpretação. Não mais subordinado ao ritmo imposto pela objetificação do espaço, o indivíduo passa a usar a projeção de sua existênca no espaço físico de maneira a criar seus próprios *hábitos* em total comunhão com o espaço arquitetônico. Ao invés de objetos serem distribuídos dentro do meio arquitetônico de maneira a regrar e limitar o hábito diário do ser humano, o espaço se torna arquitetura e objeto ao mesmo tempo e funciona como um plano de fundo, um elemento subordinado ao ser humano que se encontra, agora, em primeiro plano no espaço.

Figura 6 e 7 - Sou Fujimoto: Casa Definitiva de Madeira em **2G** N.50. Sou Fujimoto 2009. 60-69

[32] Sou Fujimoto ‘Final Wooden House, Kumamoto’ em **2G** N.50. Sou Fujimoto 2009. 60

[33] Sou Fujimoto ‘Final Wooden House, Kumamoto’ em **2G** N.50. Sou Fujimoto 2009. 60

7 - CONCLUSÕES

Responder criticamente à atual condição da arquitetura interior — condição essa de ter suas fronteiras com o exterior constantemente desmaterializadas em decorrência do fenômeno da conectividade compulsiva — significa propor a retomada de uma relação existencial entre o ser humano e o espaço interior arquitetônico.

Através dos textos e estudos de caso analisados no presente artigo, pode-se concluir que uma das possíveis alternativas de se reestabelecer tal relação inicia-se com a retomada do contraste entre interior isolado e exterior conectado, entre a ideia de *homeland* e *voyage*. Se faz necessária a possibilidade do ser humano de estar presente em um espaço no qual possa se privar de um fluxo incessante de conexões externas, possibilitando ao indivíduo que realize a conexão com si próprio.

O pensamento filosófico de ascetismo é apresentado como uma forma de se reimaginar a arquitetura interior de maneira a fazer com que a conformação do espaço interno estimule e guie a retomada dessa conexão. Essa relação de auxílio entre espaço interno e indivíduo se dá uma vez que, como foi argumentado aqui e demonstrado por Aureli, o espaço arquitetônico ascético age como um organizador de hábitos e rituais diários de acordo com a existência e vida do indíviduo que habita tal espaço. Tanto na obra do grupo *avant-garde* italiano SUPERSTUDIO quanto nas ideias e projetos de Sou Fujimoto podemos observar influências do pensamento ascético. Em ambos os casos fica clara a intenção de reduzir a arquitetura a um ato fundamental, dissociados da existência de objetos que regrariam os hábitos do indivíduo no espaço. Nos dois casos vemos a preocupação por uma arquitetura na qual o ser humano possa se manifestar como centro do processo de design, uma vez que a arquitetura é vista como uma base, um plano de fundo no qual o indivíduo possui total liberdade para criar e desenvolver seus hábitos, e principalmente seu próprio ritmo de vida. Sendo então capaz o ser humano de estabelecer tal ritmo, a possibilidade das distorções e fragmentações do espaço-tempo podem ser reduzidas. Assim, a arquitetura do espaço interno contribuiria para uma experiência na qual o indivíduo projetaria sua existência em uma dimensão de espaço-tempo física e constante. Cabe à arquitetura interior oferecer essa possibilidade e proporcionar um espaço no qual seja possível, mais do que apenas fazer, **ser**.

BIBLIOGRAFIA

Ascher, Françoi. *Os novos princípios do urbanismo.* São Paulo: Romano Guerre, 2010.

Aureli, Pier Vittorio. *The Possibility of an Absolute Architecture.* Cambridge: MIT Press, 2011.

Aureli, Pier Vittorio. *Less is Enough.* Moscou: Strelka Press, 2013.

Benjamin, Walter. "Experência e Probreza" em *Walter Benjamin: Obras Escolhidas - Magia e Técnica, Arte e Política*. São Paulo: Brasiliense. 1985

Co, Francesco Dal. "Dwelling and the 'Places' of Modernity." em *Figures of Architecture and Thought: German Architecture Culture 1880-1920.* Nova York: Rizzoli, 1990.

Fujimoto, Sou. *Primitive Future.* Tokyo: INAX, 2008.

Fujimoto, Sou. "Final Wooden House, Kumamoto" em **2G** N.50. *Sou Fujimoto*. Barcelona : Gustavo Gili, 2009.

Lang, Peter e Menking, William. *Superstudio: Life Without Objects.* New York: Skira. 2003

Stauffer, Maire. "Reflextions, Reflected Utopias: Urban Designs by Archizoom and Superstudio*." em* AA FIles, No 47. Londres: AA Publications. 2002.

SUPERSTUDIO "Description of the Microevent/Microenvironment.*"* In: Ambasz,Emilio eds. *Italy : The New Domestic Landscape.* Nova York: The Museum of Modern Art. 1972.

Vírilio, Paul. *Espaço Crítico;* tradução de Paulo Roberto Pires. Rio de Janeiro: Ed.34. 1993.

Wittman, Marc. *Felt Time: The Psychology of How We Perceive Time.* Cambridge: MIT Press. 2016